



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fauesp
e-ISSN: 2675-1186

DIDÁTICA DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo Científico apresentado

|

**SÃO PAULO
2023**

DIDÁTICA DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

A idéia que temos de criança tem se modificado com o tempo. De acordo com estudos e pesquisas recentes, a criança é considerada um ser único e completo, ao mesmo tempo que continua a crescer e se desenvolver. Apesar de demandar cuidados de adultos, desde que nasce ela já é capaz de interagir com o meio natural, social e cultural. Além disso, as crianças apresentam características específicas de acordo com suas experiências, sua etapa de desenvolvimento e seu processo de crescimento.

Não podemos perder de vista também que elas pensam qualitativamente diferente de um adulto. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) entendem que as crianças aprendem e se desenvolvem de forma integrada. Ou, nas palavras de Zabalza(1989), são sujeitos não segmentados. Elas desenvolvem os âmbitos afetivo, social e cognitivo integralmente a partir de suas experiências e, embora necessitem de cuidados físicos e psicológicos constantes, têm competências sociopsicológicas que se manifestam desde a mais tenra idade. São sujeitos com idéias, vontades e sentimentos próprios, inseridos em uma cultura com a qual aprendem e na qual se desenvolvem pelas experiências e oportunidade que têm.

É importante considerarmos todos esses aspectos, pois o modo como vemos a infância é determinante para prática pedagógica de qualidade.

A família é o contexto que mais influencia o desenvolvimento das crianças, razão pela qual ela deve estar bastante próxima das equipes escolares de Educação Infantil. Desse modo, o compartilhamento de responsabilidade sociais entre familiares e educadores tem sido cada vez mais necessário.

A entrada na Educação Infantil é uma grande oportunidade para que todos os familiares que participam da vida da criança tenham mais claramente a consciência de suas responsabilidades, dividindo tarefas e modalidades concretas para ajudar a criança a aprender mais ela mesma, o outro e o mundo.

A Instituição de Educação Infantil, é um espaço público onde se estabelecem relações de confiança e criam-se novos vínculos entre as famílias, os profissionais de educação e as crianças da comunidade, e essa diversidade é matéria-prima para a construção de redes de convivência em uma sociedade aberta e democrática.

Tendo em vista a importância desses pressupostos, a Educação Infantil precisa manter uma política de parceria com as famílias, não só em eventos escolares, mas cotidianamente no compartilhamento das aprendizagens das crianças e na valorização das relações com a comunidade escolar, bem como em movimentos pontuais de orientação e trocas de experiências relacionadas a questão educativas.

Mais que importante, o educador acolher, valorizar e ampliar a curiosidade, as explorações, as propostas das crianças e criar ocasiões de aprendizagem para favorecer a organização de tudo aquilo que as crianças vão descobrindo.

Aprendemos com os italianos a valorizar o modo como as crianças se divertem com o corpo e com a imaginação, brincam o tempo todo e em qualquer lugar. É, nessas situações, elas aprendem (FINCO, BARBOSA e FARIA, 2015). Podem aprender a seguir regras, a esperar sua vez para jogar, e ganhar e a perder, a perseverar, a conhecer melhor o corpo e suas possibilidades motoras, a perceber as diferentes sensações, a focar sobre si mesma e sobre seus companheiros de brincadeira, aprendem sobre o mundo, sobre a convivência (NASTARI, 2016).

As professoras então organizam o tempo e as atividades de modo a permitir que as crianças brinquem todos os dias, na maior parte do tempo, tanto nas áreas externas quanto internas. Registrar por escrito as evoluções e aprendizagens do grupo é ferramenta para próxima proposta pedagógica cada vez mais desafiadora.

No exercício do brincar, as crianças investigam o tempo todo. Ao agir sobre o mundo, elaboram perguntas e interpretam à sua maneira, as respostas que recebem. Também a convivência com seus pares – de mesma idade ou de idades distintas – intensifica e potencializa a curiosidade permanente, pois o encontro favorece explorações e o embate de diferentes pontos de vista, o que pode gerar interrogações e novas investigações.

Apesar dessa abundância de novidades típicas da infância, na Educação Infantil as possibilidades de descoberta, aprendizagens e desenvolvimentos devem ser enriquecidas e ampliadas pelo professor. Como observador atento, ele apresenta às crianças novas possibilidades de investigação e exploração do mundo e age de modo a aproximá-las de desconhecido.

As brincadeiras das crianças apontam alguns caminhos a serem percorridos no ambiente escolar, já que evidenciam conhecimentos que podem ser compreendidos e compartilhados coletivamente. São essas alternativas de percurso que o professor precisa identificar, sem, no entanto, esquecer-se da possibilidade de as crianças não aprenderem o que o adulto lhes determinam ou oferecem. A potência de aprender e de não aprender é a mesma. Não há como prever ou determinar o que o outro pode aprender. (BARBOSA; RICHER, 2015, p. 195).

A intervenção do professor não deve se centrar nos resultados, mas na possibilidade de favorecer novas experiências às crianças, para que atribuam sentido e significado ao que vivenciam por meio do corpo, da observação, das relações que conseguem estabelecer, da imaginação, da ludicidade.

As professoras e demais profissionais acolhem as propostas, invenções e descobertas das crianças incorporando-as como parte da programação sempre que possível.

O espaço físico e sua organização, ainda que não sejam condições determinantes, conforme nos apontam Bassedas, Huguet e Solé (1999), influenciam direta e indiretamente as crianças e os profissionais que as atendem nas instituições de Educação Infantil.

Em função disso e considerando que a Educação Infantil deve promover o desenvolvimento integral das crianças, os espaços que

Elas exploram e aos quais têm acesso devem oferecer liberdade de movimento, segurança e possibilidades de socialização.

Mas não basta simplesmente oferecer lugares apropriados. Para proporcionar às crianças situações de interação e brincadeiras e, assim, favorecer a “ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas”, é preciso que os espaços físicos sejam transformados em ambientes de aprendizagens.

Segundo Forneiro (1998), o ambiente de aprendizagem é constituído de um conjunto de espaços físicos (locais caracterizados por objetos, materiais diversos e mobiliário) e pelas relações neles estabelecidas, as relações interpessoais entre as crianças e entre as crianças e os adultos com quem convivem.

“Nessa ambientação, é preciso aproveitar as características peculiares dos espaços disponíveis, afinal, como afirma Horn (2004, p. 28), em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes”. Quando bem estruturados e providos de recursos materiais a serem explorados, esses ambientes possibilitam diferentes experiências e vivências às crianças e favorecem seu desenvolvimento.

O ideal é criar ambientes de aprendizagem ao mesmo tempo estimulantes, seguros e desafiadores. São inúmeros os arranjos de organização espacial possíveis, “incentivando a cooperação e reforçando relações sociais afetivas, ou respondendo à necessidade de atividades individuais, conforme as solicitações do processo educativo” (Brasil, 2006, p.29).

Nesses arranjos, é muito importante garantir a circulação adequada dos profissionais e a livre movimentação das crianças. Também é essencial que a organização dos ambientes lhes permita ver umas às outras, enquanto ficam o olhar atento e cuidadoso do professor.

Estas são algumas possibilidades de organização do espaço físico, considerando a criação de ambientes de aprendizagem diversificados, sugeridas pelos Parâmetros Básicos de infraestrutura para Instituições de Educação Infantil.

Em salas amplas, é possível dividir o espaço, criando nichos que podem ser usados para diferentes atividades.

Salas em L comportam diversas variações de arranjos espaciais, possibilitando atividades simultâneas. Nelas, podemos criar recantos, nichos e ambientes diversos, deixando o espaço aconchegante e lúdico. Além dos cantinhos que a maioria das crianças costuma procurar.

Outra opção é delimitar os ambientes de aprendizagem com móveis pendurados no teto, confeccionados com a participação ativa das crianças. Além de deixar o ambiente esteticamente agradável, expor um objeto feito por elas lhes transmite um sentimento de pertencimento.

A organização dos ambientes de aprendizagem deve ser pensado para e com as crianças. Envolvê-las em decisões que modificam o espaço físico promoverá interações e, como consequência, elas se sentirão à vontade para trocar saberes, imaginar, construir significados e, principalmente, brincar.

Independentemente das dimensões da sala, sempre é possível colocar quadros e painéis à altura das crianças – a um metro e meio do chão, conforme recomendado pelos Parâmetros Básicos para Instituições de educação infantil.

Com tapetes coloridos, almofadas, cria-se um espaço de leitura e apreciação literária. Cantos específicos da sala, com brinquedos, materiais destinados a pinturas e desenhos, estante com livros, gibis, jogos e materiais de sucata, por exemplo, todos organizados à altura adequada, tanto ajudam na ambientação quanto contribuem para o desenvolvimento da autonomia das crianças.

O dia a dia na educação Infantil precisa ser construído com sensibilidade e beleza, com crianças brincando, realizando investigações, com professores provocando aprendizagens.

Essa forma de organização, conforme Fochi (2016), já tinha sido anunciada em documentos anteriores, como nas DCNEI e no Parecer número 20/2009.

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista.

Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.

Os campos de experiência constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-o aos conhecimentos que fazem parte de patrimônio cultural.

Cada campo de experiência apresenta os seus peculiares êxitos educativos, percursos metodológicos e possíveis indicadores de avaliação e implica uma pluralidade de solicitações e oportunidades.

A organização do cotidiano educativo baseia-se numa contínua e responsável flexibilidade e inventividade operativa e didática em relação à variabilidade individual dos ritmos, dos tempos e dos estilos de linguagem além das motivações e dos interesses das crianças.

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem e fotografia).

REFERÊNCIAS:

AMARILHA, Marly, *Estão mortas as fadas?*. Vozes, 1997

ANDRADE E SILVA, Walde-mar de lendas e mitos dos índios brasileiros. São Paulo: FTD, 1999.

BRAGA, Fernandes Góss. Pegou fogo no cerrado. Curitiba, Bolsa Nacional do livro 92018).